

## A ANGÚSTIA EM FREUD E EM LACAN: UMA ANÁLISE DO CONCEITO

Darlei Barbosa Dias<sup>1</sup>

João Camilo de Souza Junior<sup>2</sup>

**RESUMO: Introdução:** O tema da angústia implica em uma reflexão permanente para a prática clínica, sendo um fenômeno e um conceito fundamental para a psicanálise, tendo destaque nas obras de Freud e Lacan. A angústia também se caracteriza como um impasse tanto em sua teorização quanto em seu manejo técnico na clínica. **Objetivos:** O presente estudo tem como objetivo analisar o conceito da angústia nas teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, a fim de compreender como tal se situa nas obras dos autores. **Metodologia:** O método de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico contempla o levantamento bibliográfico e análise de dados utilizando livros e artigos a respeito da psicanálise. **Discussão:** A angústia passou por mudanças conceituais a partir de novas teorizações freudianas, sendo, por fim, angústia sinal, marcada pela falta de objeto e como angústia de castração. Para Lacan, é o afeto que surge como consequência da relação do sujeito com o objeto a. **Conclusão:** Conceituada por Freud como uma tensão sexual física que ficaria em excesso. Depois, um afeto que falta objeto sendo sinal do perigo dessa falta, aparecendo mais tarde como angústia da castração. Para Lacan, a angústia é o afeto que não engana, pertence ao real. Não é sem objeto, sendo consequência da relação do sujeito com o objeto a, além de representar a falta da falta no Outro.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Angústia. Freud. Lacan.

### 1. INTRODUÇÃO

*Angustiare*, origem latina da palavra angústia, tem como étimo o sentido de estreiteza, limitação, redução e restrição (POLLO; CHIAB, 2013). Dessa forma referida, tal afeto pode se associar a experiências de intenso sofrimento, nas quais o sujeito encontra pouco alento em qualquer remediação imediata. Termo refletido e arguido em toda uma tradição filosófica, encontra na Psicanálise, desde seu criador Sigmund Freud, um lugar privilegiado nas construções teóricas.

Conquanto, embora presente ao longo de muitas elaborações freudianas, o fenômeno da angústia e, especificamente, sua conceituação, ganha um novo olhar na psicanálise a partir do texto “Inibições, sintomas e ansiedade”, do ano de 1926, pertencente à chamada segunda tópica, devido a uma nova interpretação do conceito aí apresentada por Freud. A amadurecida teoria

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mário Palmério, darleidias@unifucamp.edu.br

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mário Palmério, joocamilo@unifucamp.edu.br

freudiana na década de 1920, respaldada por meio de uma intrincada elaboração metapsicológica, culminava num entendimento de que a angústia correspondia ao Complexo de castração. Porém, até chegar a esse ponto, várias concepções já haviam tomado a cena teórica.

Com o prosseguimento da história psicanalítica, pós-freudianamente, o conceito de angústia se destacou também para o importante psicanalista francês Jacques Lacan, cuja obra tem caráter revolucionário (DUTRA, 2021). A partir da releitura de Lacan sobre a obra freudiana, é apresentada em seu ensino uma psicanálise que avança frente às demandas clínicas dos dias atuais. Sobre a angústia, Lacan dedica seu décimo seminário dos anos de 1962-63 ao tema.

Portanto, o tema da angústia implica numa reflexão permanente para a prática clínica. Não por acaso, Freud perseguiu a construção do conceito em sua metapsicologia até fim de sua obra. Lacan vai ao encontro disso ao ressaltar que a condução do tratamento passa por uma forte relação com a angústia, mais necessariamente a relação do paciente com o quanto de angústia pode suportar. Dessa forma, é um fenômeno e um conceito fundamental na psicanálise (PISETTA, 2008).

A angústia é caracterizada na psicanálise como um afeto. Em seu “Vocabulário da Psicanálise”, Laplanche e Pontalis (1991 p. 30) definem o afeto como “qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.” Ressaltam ainda como o afeto é uma expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e suas variações, sendo um dos registros das expressões da pulsão, juntamente com a representação e ainda como assume relevância nos primeiros trabalhos de Freud na psicoterapia da histeria e método na ab-reação, onde um afeto cortado, ou seja, uma descarga inadequada de energia estaria ligada a formação do trauma e este, por sua vez, estaria ligado a formação dos sintomas histéricos.

No que diz respeito à clínica, a angústia é também caracterizada como um impasse tanto na teorização quanto em seu manejo técnico (PISETTA, 2008). Dessa forma, o trabalho se justifica pela necessidade da boa compreensão do fenômeno da angústia e suas manifestações, visando contribuir com a prática clínica e para o desenvolvimento da pesquisa em psicanálise, onde ambos dependem utilização da teoria formulada pelos autores a qual pretendem se embasar, ou seja, contribuindo com o entendimento desse fenômeno presente nas sociedades durante toda a história humana.

Ainda à guisa de uma justificativa para a realização desse trabalho, é possível lançar mão da elaboração de Leite (2011), que diz que o mundo contemporâneo impõe diversas pressões ao homem; assim pode-se considerar que a angústia, juntamente à depressão, seriam respostas do homem a esse mal-estar atual.

Diante do exposto, objetiva-se construir um saber a respeito da angústia, especificando o resumo de características da conceituação, manifestações fenomenológicas, situando-a em momentos e de maneira geral nas obras dos autores apresentados bem como, a partir daí, demonstrar a importância de seu entendimento para prática clínica psicanalítica.

Para tal, serão apresentados a seguir: a fundamentação teórica que visa compreender a conceituação da angústia desde seus primórdios e sua evolução dentro do campo da filosofia, introdução às obras de Freud e Lacan; os resultados encontrados e a discussão sobre eles; e as conclusões obtidas por meio desta pesquisa.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 o conceito de angústia na história da filosofia**

A angústia sempre esteve presente na história do homem, chegando a ser tema inspirador para grandes filósofos, escritores, poetas e dramaturgos. Por exemplo, na filosofia, na “Alegoria da Caverna”, Platão destaca que no caminho para o conhecimento, há a necessária passagem das trevas para a luz e que no primeiro momento, esse trabalho cega e ofusca o homem. Dessa forma, marca uma diferença entre o mundo sensível e o inteligível, mas também, ainda que indiretamente, faz referência a angústia como ausência de sentido e representação (LEITE, 2011).

Influenciado por Platão, Cícero (106-43 a.C.) “é o primeiro a definir a angústia como o lugar estreito, a dificuldade, a miséria, a falta de tempo (angustia temporis) e o ânimo covarde (angustus animus)” (LEITE, 2011, p. 07). Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) em *Tranquilidade da alma* discorre sobre o mal, que possui inúmeras variedades, e que se mostra como um obstáculo cotidiano que deve ser contornado no caminho que conduz a paz interior. O faz ao responder um amigo que havia o pedido esclarecimentos para cessar sua angústia interior (LEITE, 2011).

Fora do campo da filosofia, em inúmeras religiões, a fé é a resposta para a angústia. No Cristianismo, por exemplo, a angústia é representada como o mal, como o desamparo diante

das trevas, onde a fé em Deus poderá trocar aflições terrenas por um caminho libertador (LEITE, 2011).

Durante sua presença por toda a história da humanidade, o tema da angústia encontrará maior destaque a partir da Idade Moderna, com as noções de indivíduo e individualismo, mais especificamente no Existencialismo. Søren Kierkegaard, teólogo e filósofo, é considerado o pioneiro no tema (LEITE, 2011).

Kierkegaard faz reflexões sobre a psicologia do homem e sobre a angústia em sua obra “O conceito de angústia” de 1844; ao tratar o homem não só como um ser submetido ao mundo, ser biológico, mas também psicológico. Para ele a angústia é uma das experiências que o qualificam como ser existencial, não podendo fugir ou ignorá-la, apesar de tentar se distanciar desse sentimento. É pela angústia que o homem se vê diante das possibilidades e de escolhas decisivas para sua existência. Por meio dela, ele pode não só vislumbrar possibilidades que podem a vir se realizar, bem como as possibilidades são o desenvolvimento da própria existência, sendo o homem determinado pelas possibilidades (FAÇANHA; SOUSA, 2018).

Possui característica de ser ambivalente na medida em que, diante de possibilidades as quais a existência é lançada, pode-se escolher uma coisa ou outra, assim é possível ter noção da realidade da liberdade de escolha diante das escolhas possíveis. Pode-se ainda tomar conhecimento de novas experiências diante da realização das possibilidades, o que Kierkegaard denominou ser-capaz-de (FAÇANHA; SOUSA, 2018).

O sentimento de angústia acompanha sempre a existência do indivíduo o auxiliando em sua formação, pois por meio dela, pode efetuar possibilidades, criando assim realidades e tomando noção da liberdade, que embora não seja radical, apresenta-se como uma vertigem e torna o homem diferente dos demais animais. Além disso, para o filósofo dinamarquês, é também por meio do sentimento de angústia que se pode atingir maior consciência de si, desenvolvendo o “espírito”, que permite uma relação entre alma e corpo com o que o constitui (FAÇANHA; SOUSA, 2018).

Para Heidegger, o homem se caracteriza como ser-no-mundo e, em outras palavras, um ser-para-a-morte que durante a sua existência deve construir e reconstruir-se a si mesmo, deve sempre ser e não mais será ser apenas em sua morte. A angústia é uma determinação

ontológico-existencial colocada com uma abertura, com ela o homem se abre para a possibilidade do seu ser para além do cotidiano (FERREIRA, 2002).

Para este filósofo alemão, o homem decai no mundo, está lançado a facticidade, a impessoalidade do cotidiano, o que se chama também de decadência. O homem caiu no mundo, está junto ao mundo com os demais entes, o que não significa que ele é qualquer coisa entre as outras, porém significa que ele se distanciou de seu ser mais próprio, o que, por sua vez, estar lançado a impessoalidade do cotidiano – condição mais ordinária da existência - não implica na desconsideração da noção de mundo para a constituição ontológica do homem (FERREIRA, 2002).

A decadência representa para o homem um desvio de seu próprio ser. A partir do momento em que o homem está lançado ao mundo ele mesmo tem diante de si as possibilidades de constituir a si mesmo em sua existência cotidiana. A disposição o abre para as possibilidades que lhe são inerentes, é a abertura para a totalidade de seu ser-no-mundo, sendo caracterizada também como uma determinação ontológico-existencial que traz para o homem a sua responsabilidade em ser, já que não pode deixar de ser e também uma abertura do mundo estar junto a ele (FERREIRA, 2002).

Cair na decadência provoca o sentimento de angústia. A angústia se mostra como uma oportunidade de sair da decadência. É um momento extraordinário da existência de entrar em contato com seu ser. É extraordinário porque esse contato é menos frequente que o viver cotidiano da decadência. Dessa forma a angústia é disposição e representa uma abertura do mundo e abertura do ser no mundo em totalidade, onde o homem fica frente a frente consigo mesmo. Se caracteriza por uma constante ameaça indeterminada, onde apenas a sente sem saber como começa ou quando termina (FERREIRA, 2002).

A angústia surge apartando o homem da sensação de controle e ordem de vida contida na impropriedade do cotidiano, fazendo-o se deparar com a condição de estar jogado no mundo, tendo que buscar realizar seu ser por si mesmo e não por outro alguém, caracterizando uma condição primordial de que como um ser que tem que buscar seu próprio ser, o homem está só. Mesmo se fazendo no mundo e a partir do mundo, ele não pode contar apenas consigo mesmo. Dessa forma, a angústia provoca solidão, que mostra a singularidade existencial do homem e o entrega novamente ao cotidiano (FERREIRA, 2002).

Para Jean-Paul Sartre, importante filósofo existencialista francês, a angústia se caracteriza como fundamental sinal da existência. Para ele o homem se caracteriza como liberdade e angústia, sendo a angústia o sinal da verdade existencial que é a liberdade. O homem é sinônimo de liberdade e dela não pode escapar, está condenado a liberdade. Porém, essa liberdade não é garantia de ter tudo o que quer, ela significa a possibilidade de querer algo, ou seja, o homem é livre para escolher entre as possibilidades (HOSTE, 2016).

Logo, sendo liberdade de escolha, é necessário saber que a escolha é finita, não sendo possível ter todas as possibilidades, pois escolhe-se isso em detrimento daquilo, ao escolher algo se deixa as demais opções. É a consciência dessa liberdade de escolha que Sartre chama de angústia. É o entendimento que o homem tem de que é um ser de liberdade, condenado a ser livre. Mesmo não podendo escolher as condições antes de sua existência, ou seja, condições como o local onde nasce, ainda sim o homem exerce sua liberdade fazendo escolhas a partir das condições as quais surgiu (HOSTE, 2016).

A angústia em sua concepção sartriana é influenciada tanto por Kierkegaard (Angústia diante da liberdade) quanto por Heidegger (Angústia diante do Nada), pois para Sartre as definições dizem o mesmo, onde a liberdade traz o Nada para o mundo. “Pode-se dizer, simplificarmente, que o Nada é concebido por Sartre como aquilo que separa o passado do presente, e, como tal, esse Nada é o fundamento da liberdade” (HOSTE, 2016, p. 07). O Eu do homem junto com sua história forma sua essência e encontra-se separado dela pelo Nada. Dessa forma ele é uma liberdade angustiada pela exigência de renovação de seu Eu. O Nada que separa o homem de si mesmo de maneira intransponível é angustiante (HOSTE, 2016).

Sartre faz uma importante distinção entre angústia e medo. “Angústia vem de uma relação interna, quando o homem age sobre a situação, enquanto o medo é derivado das relações com os seres do mundo, ou seja, é a situação agindo sobre o homem” (HOSTE, 2016, p. 08). Existe também a angústia frente o passado, a qual o homem pode escolher contradizer ou não alguma decisão tomada, mantendo-o sempre como responsável por seu destino. Essa responsabilidade, decorrente da liberdade, relaciona-se com a angústia pois o homem ao ser lançado no mundo, mesmo sem decidir sobre isso, é responsável por seus atos (HOSTE, 2016).

A angústia, em suma, se caracteriza por uma consciência, consciência da liberdade. Sendo assim, o homem é angústia e não pode fugir dela, pois seria uma fuga de si mesmo. Ela

surge a partir do momento em que a consciência capta o Nada separando do passado e do futuro. Para captá-la é necessário refletir, uma reflexão que não acontece no cotidiano e fazer o homem ter atitudes automáticas (HOSTE, 2016).

## **2.2 Um breve relato sobre a psicanálise freudiana:**

A elaboração da psicanálise, como se sabe, se dá a partir da ideia do inconsciente. Freud coloca em cena um sujeito dividido, não organizado em torno da consciência, cujos processos de pensamentos inconscientes independem e são produzidos a margem desta (BARATTO, 2009). Freud propõe algo inteiramente distinto de uma consciência oculta, mas um sistema psíquico, o Inconsciente em seu aspecto positivo - que se contrapõe ao sistema formado pelo Pré-Consciente e Consciência, marcando então, uma radical diferença com a ideia de subjetividade produzida até então, em decorrência da subjetividade estar identificada ao domínio da razão, da consciência (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

No início, Freud utilizava a hipnose como método. Objetivava seguir os caminhos que levaram à formação dos sintomas, promovendo catarse por meio da ab-reação. No período dos “Estudo sobre a Histeria” (1895), em que Freud, junto a Breuer, se dedicavam ao tratamento da histeria nas mulheres, o método significava tornar consciente o que era inconsciente, descobrir as causas originais dos sintomas. Eram lembranças não ab-reagidas que se encontravam num estado de segunda consciência, como ainda era definido inconsciente. A catarse, como descarga de emoções e, conseqüentemente, o desaparecimento dos sintomas, se daria pela expressão, em palavras, dos eventos traumáticos (BARATTO, 2009).

Sabe-se que desde então, foram feitas novas descobertas e teorizações como no famoso caso inaugural da psicanálise: o caso Anna O., em que, por um acaso, se descobre que deixar as pacientes histéricas falarem livremente sobre suas experiências passadas as livrariam de seu sofrimento. Esse método batizado pela própria Anna O de “talking cure” ou “cura pela palavra” passaria a ser o método usado no tratamento dos pacientes, pois Freud, mesmo não se adaptando à hipnose, tira dela a lição de que os traumas passados poderiam ser lembrados por meio da fala livre e, a partir daí, não poupa esforços para levar a diante o método que convidava suas pacientes a falarem sem restrições quanto ao conteúdo da fala (CELES, 2005).

Anteriormente a Freud, o termo inconsciente era usado apenas como um adjetivo, ao se referir a manifestações psíquicas não percebidas pelos sujeitos, nunca como esse sistema com atividade própria e distinto dos demais. É comum o erro de descrever o inconsciente como “o caos, o mistério, o inefável, ilógico, sendo o lugar da vontade em estado bruto e impermeável a qualquer inteligibilidade” (GARCIA-ROZA, p. 170, 2009). Não é um lugar profundo, localizado no subsolo que se deseja explorar em análise. Tais ideias trazem consigo também a noção de um inconsciente totalmente arbitrário. Pelo contrário, embora não haja uma determinação que seja única, os acontecimentos psíquicos são todos determinados. Dessa forma, ao postular como técnica – ou regra - fundamental da psicanálise a associação livre, Freud sabia que não se tratava de uma ausência de determinação no que diz respeito ao “livre”, mas uma determinação que não corresponde a da consciência e sim a do inconsciente, que possui estrutura e ordem (GARCIA-ROZA, 2009).

Dessa forma, epistemologicamente a teoria e prática psicanalítica rompem com a psiquiatria, a neurologia e a psicologia do século XIX (GARCIA-ROZA, 2009). Por mais que Freud estivesse ficado descontente com o seu rompimento de uma teoria da origem neurológica, sem nenhuma relação psíquica da neurose, por não lhe agradar a ideia da não ligação de sua teoria com uma base orgânica, ele o faz, formulando assim sua própria teoria. Assim, assume hipóteses sobre as neuroses: elas são produtos de ideias além da lógica consciente e de que sua etiologia está na sexualidade. Culminado nas teses do inconsciente e da sexualidade infantil (CALAZANS; SANTOS, 2007).

Se faz importante para o entendimento da angústia na obra freudiana, o igual entendimento do conceito de recalque. Segundo a divisão do aparelho psíquico formulada por Freud, haveria o polo do inconsciente, que quer sempre a descarga total e imediata da energia psíquica, regido pelos processos de condensação e deslocamento, chamado Princípio do Prazer. É composto exclusivamente por representações pulsionais, chamadas de representações de coisa por consistirem em “imagens (acústicas, visuais ou tácteis) de coisas ou de pedaços de coisa impressas no inconsciente (NASIO, p. 23, 1999); e no polo contrário estariam pré-consciente e consciente, que levam em conta as exigências da consciência, da realidade externa, chamado Princípio da Realidade. Suas representações são chamadas de representações pré-conscientes e representações conscientes. As pré-conscientes são compostas por

representações de palavras que “abarcam diferentes aspectos da palavra, como sua imagem acústica e ao ser pronunciada, sua imagem gráfica ou sua imagem gestual de escrita (NASIO, p. 24/25, 1999). “Quanto as representações conscientes, cada uma é composta por uma representação de coisa agregada à representação da palavra que designa essa coisa” (NASIO, p. 25, 1999). Ambos os princípios (prazer e realidade) buscam o prazer, porém o primeiro o busca de maneira absoluta e o segundo, de maneira moderada, redistribuindo a energia (NASIO, 1999).

Nessa divisão do aparelho psíquico apresentada, o recalque pode ser ilustrado como uma barra vertical que separa os dois polos. Ele impede a passagem de conteúdos inconscientes para o pré-consciente. Porém alguns conteúdos conseguem passar a esta barra e chegar na consciência sendo nomeados de retorno do recalcado e sendo vividos de maneira incompreensível e surpreendente pelo sujeito, caracterizando a angústia. Há dois tipos de recalque: primário, que visa que mantém as representações no inconsciente; e o secundário, que recalca representações que conseguiram chegar ao pré-consciente (NASIO, 1999).

Contudo, a partir de 1920, Freud formula o que fica conhecida como sua segunda tópica, ao se defrontar com uma dificuldade teórica ligada ao recalque que faz conceber uma nova teoria do psiquismo. Por sua experiência, Freud constatou que o recalque não é uma rejeição consciente, e sim, opera sem o conhecimento do sujeito. Sendo assim, uma ação tão inconsciente quanto os conteúdos recalcados. Então cria três instâncias Isso, Eu e Supereu, modificando sua teoria acerca do inconsciente, sendo este, a partir de agora, uma propriedade de cada instância, já que os três componentes antes definidos em sua primeira teoria poderiam ser todas inconscientes. Assim, o Isso se torna portador das pulsões, o Eu é influenciado pelo isso e pelo mundo exterior e o Supereu representa uma inibição às pulsões, tendo o Eu com seu submisso (NASIO, 1999).

Outra mudança importante em Freud é da teoria das pulsões. Com a descoberta do narcisismo, o Eu passa a ser objeto sexual das pulsões, não havendo distinção de um objeto sexual exterior. Com isso, o Eu já não pode ser consciente em decidir sobre a censura e as pulsões sexuais. Assim, Freud delimita como pulsão de vida os movimentos libidinais que recaem sobre objetos e sobre o Eu; e as pulsões de morte como contraparte destas. As pulsões de vida visam o investimento libidinal no corpo, em seres e coisas garantindo coesão entre essas partes.

Já as pulsões de morte visam o desligamento libidinal, o retorno ao inorgânico, a tendência a encontrar a calma da morte, o silêncio e o repouso. As duas pulsões visam restabelecer um estado anterior, o que Freud chama de compulsão a repetição: os atos de repetir fracassos e sofrimentos com muito mais força, às vezes, do que repetir acontecimentos prazerosos. Repetir sem impedimentos ações consideradas não concluídas. (NASIO, 1999).

A divisão do aparelho psíquico é frequentemente compreendida como sendo a subjetividade. Porém deve-se fazer referência aos representantes pulsionais que constituem esse aparelho (TOREZAN; AGUIAR, 2011). A pulsão caracteriza-se como um estímulo que altera a vida psíquica e sua tendência a inércia. Dessa forma um ato deve ser feito para suprir a tensão causada pela alteração. Na teoria freudiana, “ainda que se mostre absolutamente impalpável e alheia a uma representação concreta, a pulsão pode ser pensada como a ideia mais próxima de um sustentáculo material do lugar do sujeito na experiência freudiana” (GARCIA-ROZA, 2001 *apud* BARROSO, p.150/151, 2012).

A psicanálise surge após a substituição do discurso teológico pelo discurso da ciência. Logo a subjetividade passa a ser identificada pela razão, conduzida pela consciência. Assim, o sujeito passa a ser sinônimo do eu e o inconsciente passa a ser uma parte desconhecida da consciência. (TOREZAN; AGUIAR, 2011). Porém, na psicanálise, o distanciamento do eu como origem dos atos humanos permite questionamentos acerca do sujeito. Dessa forma, em Freud o sujeito é um conceito originado nas entrelinhas, apresentado com o nome de desejo. É advindo dos imperativos da pulsão, sendo estranho ao eu. Ele advém a partir do inconsciente, não existindo por si, se impondo em repetição (CABAS, 2009 *apud* BARROSO, 2012).

### **2.3 Breve disposição sobre a psicanálise lacaniana**

A proposta geral do ensino de Lacan foi, primeiramente, o retorno à leitura conceitual da psicanálise freudiana (DUTRA, 2021). Para tal, Lacan apoia-se na tradição filosófica alemã, principalmente Hegel e Heidegger, na linguística estrutural de Saussure, e no estruturalismo de Levi-Strauss. Assim, não só promove o resgate de princípios freudianos, como desenvolve suas próprias formulações como a de sujeito e de inconsciente (TOREZAN; AGUIAR, 2011). “Lacan substituiu a herança do crivo freudiano, calcado na Biologia, na Neurologia e na Física, por outro,

que denomina de estrutural e é organizado por três registros: Imaginário, Simbólico e Real” (TOREZAN; AGUIAR, p. 533, 2011).

O principal conceito inserido, mais decisivo em relação às demais transformações que viriam, é o de Sujeito do Inconsciente (DUTRA, 2021). A noção de sujeito em Freud surge nas entrelinhas, marcado como uma oposição a soberania do Eu, porém ainda necessitando de uma definição formal. É com Lacan que o sujeito ganha o estatuto de conceito (BARROSO, 2012). Assim, Lacan fez uma subversão do conceito de sujeito vigente, o de homem como sujeito e agente do pensamento, que foi objeto de estudos milenares entre a teologia e a filosofia, por exemplo, estabelecendo-o como sujeito efeito do significante, apoiando-se em disciplinas como a linguística, a lógica e topologia (DUTRA, 2021). Lacan introduz esse conceito apoiando-se na obra freudiana e em sua experiência clínica. O faz para marcar a diferença entre o Eu da consciência, caracterizado pelo cogito cartesiano “Penso, logo sou” e o sujeito além da consciência, ou seja, correspondente ao inconsciente (FERREIRA-LEMONS, 2011).

O sujeito é efeito do “mito fundador de uma história singular” (AGUIAR, p. 535, 2011), constituído pela linguagem e relações pré-existentes ao nascimento. Significa dizer que ao nascer, o homem é incluído em uma ordem social já existente pela família e pela linguagem. Dessa forma, o sujeito se constitui em relação ao Outro, por meio da linguagem. É por essa ordem simbólica que se é possível falar em subjetividade na psicanálise. Assim, o sujeito não é agente como o cartesiano, mas definido pela função simbólica e sua posição em relação ao Outro e tem influências do registro simbólico com suas diretrizes e julgamentos (VALLEJO; MAGALHÃES, 1991 *apud* AGUIAR, 2011).

A respeito do inconsciente, Lacan o considera um conceito elaborado para o entendimento de como se constitui um sujeito, efeito do significante. O inconsciente seria uma estrutura e estaria estruturado como uma linguagem. Para demonstrar isso Lacan se apropria e subverte o conceito de significante elaborado por Saussure, onde o signo era articulado por significado e significante. “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, p.80 *apud* FERREIRA, p. 02, 2002). Lacan elabora uma teoria do significante, descartando o signo de Saussure e dando preferência ao significante em detrimento do significado. Assim, o significante não tem relação com o significado e sua estrutura

é a de uma conexão com outros significantes, numa espécie de cadeia de significantes (FERREIRA, 2002).

Assim, o inconsciente não está localizado dentro de um organismo ou de um psiquismo ou é uma propriedade individual. É a partir da abertura e fechamento da cadeia significativa que ele pode ser deduzido. Não se trata a abertura de um corpo como uma caixa de Pandora que se abre e escapa conteúdos, mas sim abertura e fechamento como resultado do ato analítico. Lacan faz uma crítica em relação a uma suposta condição intrapsíquica do inconsciente e não o defende como lugar de conteúdos e sim um vazio, pois é formado de trama significativa (DUTRA, 2021).

Para Freud na primeira tópica, o inconsciente se caracteriza como um sistema dentro do aparelho psíquico e na segunda ainda mantém a ideia do aparelho, porém insere as instâncias Isso, Eu e Supereu. Além disso, sua origem está ligada aos acontecimentos vividos e herança filogenética. Já para Lacan o inconsciente é uma estrutura. Não há causas. Há um buraco formado pela articulação significativa, seus elementos são elementos da linguagem não contidos em um aparelho psíquico e nem dentro de nada/alguém (DUTRA, 2021).

### **3. METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, de caráter exploratório e descritivo acerca do tema, buscando fazer uma análise de como pode ser compreendido o conceito da angústia nas obras dos psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan, utilizando para isso, escritos freudolacanianos de maior relevância e escritos de seus comentadores para que o tema seja abordado com maior afinco.

O levantamento bibliográfico necessário para que se atinja os objetivos aqui propostos foi realizado em livros que abordam o tema proposto, sem restrição de data de publicação como critério. Foram realizadas pesquisas também em bancos de dados virtuais como: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), também sem restrição de data de publicação como critério. Os descritores utilizados para a pesquisa foram “psicanálise, angústia”, “psicanálise freudiana”, “psicanálise lacaniana” e “angústia na filosofia” e “sujeito na psicanálise”.

Como critérios de inclusão destaca-se: artigos e livros escritos e/ou traduzidos para português, disponíveis na íntegra em suporte eletrônico ou impressos, publicados em periódicos e editoras nacionais. Como critérios de exclusão destaca-se: pesquisas no campo da psicanálise, mas sem embasamento nos dois autores aqui destacados, artigos e livros não escritos e/ou traduzidos para português e não publicados em periódicos e editoras nacionais.

A amostra ocorreu a partir da leitura do resumo dos artigos e escolha dos livros por tema, totalizando 18 artigos e 7 livros que responderam ao problema da pesquisa e auxiliaram na construção do referencial teórico, que encaixaram nos critérios de inclusão/exclusão. Posteriormente, foi feito o fichamento dos textos escolhidos a partir da leitura e síntese de conteúdo e anotação de dados importantes a respeito dos textos.

Esse trabalho foi realizado no período que compreende os meses de fevereiro a dezembro de 2022, percorrendo, de maneira geral, as seguintes fases: a) escolha do tema, b) levantamento bibliográfico, c) estruturação e redação do projeto, d) entrega do projeto, e) coleta e análise dos dados coletados, f) discussão e resultados, g) redação e revisão final do texto e h) entrega e defesa do trabalho final.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em sua primeira teoria da angústia, iniciada nos escritos de Freud a Fliess, datados de 1893 a 1895 (PAIÃO; COELHO; AMARO, 2021), Freud lança reflexões sobre as neuroses de angústia, a fim de definir suas origens. À medida que desenvolve seu raciocínio, ele relaciona a origem à tensão sexual física que não foi descarregada. Quando essa tensão chegasse a certo patamar, ela se transformaria em afeto no psiquismo. Haveria então uma não suficiência do psiquismo em lidar com esse afeto, o que faria com que ele não resultasse em afeto sexual e a tensão sexual física ficaria sem correlação psíquica. Por fim, essa tensão sexual física causaria a angústia (COROPRESO; AGUIAR, 2015).

Mais adiante em sua teorização, no início do século XX, Freud situa a angústia como um afeto posterior ao recalque, ou seja, após o afastamento da consciência de ideias ligadas ao desprazer da consciência (PISETTA, 2008). Paião, Coelho e Amaro (2021) complementam que o recalque que direciona a ideia desprazerosa ao inconsciente, também a faz se deligar do

afeto. O afeto desvinculado de sua ideia, pode desaparecer, transformar-se em outro afeto ou em uma angústia “moeda” que poderia ser trocada por qualquer afeto já desvinculado de sua ideação.

Com a elaboração de conceitos pertencentes à chamada segunda tópica, é em “Inibições, sintoma e ansiedade”, de 1926, que Freud sintetiza sua concepção da angústia, não mais a concebendo somente como resultado automático da repressão de um impulso e a energia investida que restaria desse processo. Agora, ela teria sede no Eu, sendo este o responsável pela liberação de desprazer ao remover o investimento do representante do instinto que será reprimido. Freud pretende, com essa mudança, fazer uma descrição metapsicológica e não mais fenomenológica da angústia (FREUD, 2014).

A descrição fenomenológica que agora passaria a ser explicada pela metapsicológica é a de que a angústia é um afeto, ou seja, algo que se sente; possui caráter desprazeroso, havendo outras sensações de desprazer como tristeza, tensões e dor, porém a angústia possui características, como um desprazer próprio que lhe parece ser particular. Possui ligação com sensações físicas mais ligadas a órgãos respiratórias e ao coração. Desta forma é revelado que nela há um desprazer específico, reações de descarga e as percepções destas (FREUD, 1926/2014).

Em geral, há uma excitação que gera desprazer e, por outro lado, há descarga em manifestações motoras. Contudo, pensar apenas nas características fisiológicas não é suficiente. É necessário entender que há uma vivência que dá a angústia um desprazer particular, com descarga em trilhas específicas e que é a fonte do aumento da excitação. Esta vivência, para Freud, é a do nascimento. Assim, a angústia é a reprodução do trauma do nascimento (FREUD, 1926/2014).

A partir de então, a angústia surgiria como uma reação ao estado de perigo e é reproduzida quando esse estado se mostra diante do indivíduo. Dessa forma, no estado de angústia original (o nascimento) provavelmente a inervação se dirigia preparando os pulmões e aceleraria as batidas do coração de modo a ir contra a envenenamento do sangue. Diante de uma nova situação de perigo, pode ser desvantajoso entrar em estado de angústia, mas é justamente a angústia que pode indicar que se trata de uma situação de perigo, podendo ser substituída por medidas mais adequadas. Estas são as duas possibilidades de surgimento da

angústia: uma desvantajosa diante do perigo; e uma vantajosa, que objetiva sinalizar e evitar tal situação (FREUD, 2014).

Porém, faltava ainda para Freud uma definição de “perigo”. Ele se vê diante de uma situação em que o não há ainda conteúdo psíquico para a criança no nascimento e que no feto - em que se nota apenas grande distúrbio de economia narcísica - não há alusão a um conhecimento sobre a possibilidade de um fim fatal de sua existência. Resta apenas explorar ocasiões para o desenvolvimento da angústia em crianças um pouco mais velhas ou lactentes. Concluiu que há predisposição à angústia no bebê, porém as fobias infantis não se referem diretamente ao trauma do nascimento, fugindo às tentativas de explicação. A angústia aparece com o caminhar do desenvolvimento psíquico, se mantendo por algum período da infância. Quando as fobias precoces se estendem para além desse período, há a suspeita do transtorno neurótico (FREUD, 2014).

Em apenas alguns casos a angústia na infância pode ser compreendida. Freud (2014, p. 44) a exemplifica:

Quando, por exemplo, a criança está sozinha ou na escuridão, ou depara com uma pessoa desconhecida no lugar da que lhe é familiar (a mãe). Esses três casos se reduzem a uma só condição, a falta da pessoa amada (ansiada). Com isso acha-se livre o caminho para o entendimento da angústia e para a resolução das contradições que parecem ligar-se a ela.

Assim, a imagem mnemônica da pessoa ansiada é investida, porém, sem produção de resultados o que faz o anseio se transformar em angústia. Isso traz a ideia de que a criança ainda não soubesse o que fazer com o anseio. Então a angústia surge como a *falta de objeto*, fazendo também surgir duas analogias: o medo da castração envolve a separação de um objeto muito estimado e a angústia em sua manifestação mais primordial origina-se na separação da mãe (FREUD, 2014).

Para o bebê, a mãe satisfaz todas as suas necessidades. O que o bebê avalia como perigoso é a insatisfação, onde há aumento da tensão gerada pela necessidade da presença da mãe. Essa insatisfação, que alcança um nível de desprazer, é semelhante ao nascimento, sendo assim, uma repetição do perigo. Comum ao nascimento e a falta de objeto, é a perturbação econômica da grandiosidade do estímulo que pede solução, sendo essa a real fonte de perigo. Freud conclui que se um objeto externo perceptível colocou fim a situação de perigo, a condição

do perigo, onde surge a angústia, mesmo antes da situação econômica temida, é perda do objeto (FREUD, 2014).

Como sinal de falta do objeto (mãe), a angústia revela-se como fruto do desamparo psíquico do bebê e que tem evidente relação com seu desamparo biológico, pois a mãe que antes atendia as necessidades do feto com seu corpo, agora, depois do nascimento, atende por outros meios. A perda do objeto como gerador da angústia tem efeitos posteriores. Ela aparece na fase fálica, como *medo da castração*, sendo uma angústia de separação. O perigo desse momento é a separação do genital, que equivale a separação da mãe; que significa o abandono, a vulnerabilidade a uma tensão desprazerosa (FREUD, 2014).

Freud exemplifica a angústia como medo da castração a partir do caso “Pequeno Hans”. A fobia de Hans se manifesta no medo de cavalos; um cavalo que puxa uma carroça poderia mordê-lo. Nesse caso, haveria uma ambivalência em relação à figura do pai, em que haveria um amor manifesto e o ódio à figura seria o conteúdo recalçado substituído pelo medo de cavalos. O garoto substituiu a angústia de ser castrado pelo pai pelo medo. A angústia foi recalçada pela castração (CASTILHO, 2007).

Com desenvolvimento da criança, sua maior independência, diferenciações no aparelho psíquico e surgimento de novas necessidades exercem influência sobre as situações de perigo, que passam a estar ligadas ao poder do Super-eu. Aqui o perigo se torna mais indeterminado, a angústia de castração passa a ser angústia de consciência, angústia social. O Eu responde com angústia ao perigo do castigo, da perda do amor do Super-eu (FREUD, 2014).

A angústia, como proposto por Freud, só pode ser sentida pelo Eu. Dessa forma, quanto ao Id, este não pode discriminar situações de perigo por não se tratar de uma organização. Logo, não sente angústia. Entretanto, no Id acontecem, com frequência processos que levam o Eu à geração de angústia. Freud destaca dois casos: um em que algo ocorre no Id ativando uma situação de perigo para o Eu, que dá sinal de angústia para que haja inibição e outro onde é produzida no Id uma situação semelhante ao trauma do nascimento gerando automaticamente a angústia (FREUD, 2014).

Ao abordar as psiconeuroses, Freud propõe que o Eu faz tentativas de se esquivar da angústia, a suspendê-la por um tempo e ligá-la ao engendramento de sintomas. Propõe também que em cada fase do desenvolvimento há uma condição para a angústia: o perigo da perda do

objeto, na primeira infância, o perigo da castração na fase fálica e a angústia frente ao Super-eu na latência. Quanto ao desenvolvimento da menina, onde acontece o complexo de castração, guiado pelo investimento afetivo do objeto, a situação de perigo da perda do objeto parece ser mais efetiva. Em sua condição para a angústia há a perda do amor do objeto e não a perda ou falta do objeto real (FREUD, 2014).

Sobre a relação entre formação de sintomas e formação de angústia considera-se duas opiniões: na primeira a própria angústia é sintoma da neurose, em que o sintoma seria formado para evitar a angústia, sendo a angústia o fenômeno básico da neurose, e a segunda que estabelece relação mais próxima entre neurose e angústia, em que toda inibição do Eu a si próprio pode ser chamada de sintoma. Freud declara preferência para a possibilidade em que os sintomas são produzidos para esquivar o Eu do perigo. A formação do sintoma sendo impedida, o perigo realmente acontece, levando a condição do nascimento, ao desamparo que é a primeira condição da angústia. Assim a formação de sintoma tem como resultado anular o perigo (FREUD, 2014).

Nos adultos, há muito tempo já estão desenvolvidas as áreas de controle de estímulos no aparelho psíquico. Eles são capazes de satisfazer a si próprios e suas necessidades, tem noção que a castração não é mais usada como um castigo, porém agem como se ainda houvessem antigas manifestações de perigo, mantendo-se apegados à velhas condições para angústia, mesmo que algumas condições tenham sido deixadas para trás no decorrer da maturação (FREUD, 2014).

Todavia, algumas condições de perigo existem em épocas mais tardias do desenvolvimento porque adequam a essas as condições de angústia. As condições como as do medo do Super-eu acompanham toda a vida do indivíduo. O fato de ser adulto não fornece defesa contra o retorno da condição de angústia original, variando para cada indivíduo o limite de excitações que o aparelho psíquico consegue lidar (FREUD, 2014).

Se mostra necessário fazer diferenciação entre angústia e outros termos como ansiedade, medo e susto. A angústia refere-se a uma condição existencial, sofrimento voltado ao indivíduo e mais profunda. Enquanto que a ansiedade é passageira, referindo-se uma expectativa de algo que pode ou não acontecer, sendo também uma inquietude e preparação para determinada situação. Como já visto, a angústia não possui objeto, já o medo considera a existência de um

objeto que, quando presente, é temido. E por sim, o susto diferencia-se, por ser a ausência da angústia como sinal do perigo, o fator surpresa é determinante (PAIÃO; COELHO; AMARO, 2021).

Paião, Coelho e Amaro (2021) destacam ainda que o fato de haver duas teorias da angústia em Freud não significa que elas sejam excludentes. Se analisadas com coerência, chega-se ao resultado de que ressaltam aspectos diferentes da angústia. A primeira valoriza seu local de inscrição (corporal ou psíquica) e a segunda, a sua função (angústia como sinal).

Para Lacan, a angústia se caracteriza como um afeto, o que a diferencia das emoções. Ao se referir a afetos na psicanálise, Lacan os aproxima de uma proposta filosófica e não psicofisiológica (MURTA, 2011). Caracteriza a angústia como um afeto à deriva entre significantes, isso implicaria numa diferença entre emoção e angústia, em que haveria movimentos e dificuldades diferentes. A distinção é feita por meio de três ideias: impedimento, embaraço e comoção (CASTILHO, 2007).

Levando em conta a inibição como uma paralisação, uma libido sem movimento, o que terá reflexos no impedimento, este está ligado a uma armadilha a qual o sujeito cai. Essa armadilha é a captura narcísica que se relaciona com a identificação do sujeito com uma imagem, caindo em uma armadilha imaginária e hesita diante da castração (simbólico). Com uma dificuldade maior e um movimento menor, há o embaraço. É uma forma de angústia marcada por uma cisão subjetiva. No embaraço e na inibição não a movimento, porém na inibição não há dificuldade. É a comoção que se relaciona a emoção. Há uma inquietação e perturbação, um movimento que tira do lugar. A angústia é descartada como emoção, pois a angústia seria uma comoção sem relação com o simbólico (CASTILHO, 2007).

Antes caracterizada por Freud como um objeto sem representação, passa ser caracterizada por Lacan como o afeto que não engana, não podendo ser capturado no significativo e pertencente ao real. Não engana, pois ao escutar o analisando pode-se compreender mais verdade na angústia do que na própria fala. Ela tem papel de delinear a prática clínica por sua manifestação tanto no analisante quanto no analista (VASCONCELOS; PENA, 2019).

A grande diferença paradigmática existente entre Freud e Lacan a respeito da angústia é a da angústia de castração em Freud e a da angústia que *não é sem objeto* em Lacan. A angústia

de castração não passa a ser mais o ponto insuperável, mas sim, um fazer a falta para o Outro, pela castração. Se trata de instalar um significante, antes inexistente, da falta do Outro. Lacan avança o conhecimento sobre a angústia ao considerar que não se sabe sobre a falta do Outro, por isso a angústia é a *falta da falta*. Há angústia quando não se sabe sobre a falta do outro (CASTILHO, 2007).

A angústia não é sem objeto, pois embora não pareça, o objeto existe (CASTILHO, 2007). A angústia é a consequência da relação do sujeito com o objeto a (VASCONCELOS; PENA, 2019) e seria o único afeto que apontaria diretamente para este (MILLER, 2005 *apud* VASCONCELOS; PENA, 2019), além de que, o objeto a surge junto com a angústia (CASTILHO, 2007). Assim explana Lacan (2005, p.98) em seu seminário sobre a angústia:

A manifestação mais flagrante desse objeto a, o sinal de sua intervenção, é a angústia. Isso não equivale a dizer que esse objeto seja apenas o avesso da angústia, mas que ele só intervém, só funciona em correlação com a angústia. A angústia, ensinou-nos Freud, desempenha em relação a algo a função de sinal. Digo que é um sinal relacionado com o que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto a, em toda a sua generalidade.

Ao refletir sobre a noção de perigo relacionado à angústia, e ligá-la ao real, Lacan (2005, p. 178) complementa:

Somente a ideia de real, na função opaca de que falo para lhe opor a do significante, permite que nos orientemos. Já podemos dizer que esse etwas diante do qual a angústia funciona como sinal é da ordem da irreducibilidade do real. Foi nesse sentido que ousei formular diante de vocês que a angústia, dentre todos os sinais, é aquele que não engana. Do real, portanto, de uma forma irreducível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal. Tal é o fio condutor a que lhes peço que se atenham, para ver aonde ele nos levará.

Almejando um saber acerca do objeto, Lacan o pensa inicialmente como objeto de desejo do sujeito, porém, conclui que não há objeto causa do desejo, mas sim, objeto como causa do desejo, ou seja, o objeto a. E se torna objeto causa do desejo somente após a passagem pelo Édipo, pois é nessa passagem que a falta é determinada. Este objeto estimula o gozo. Essa investigação a respeito da angústia releva a margem do gozo e o limite do desejo. Assim, o objeto a se torna relevante ao debate sobre a clínica por ser causa e também borda (VASCONCELOS; PENA, 2019). “A angústia é o sinal para o desejo do Outro que já está antes do sujeito, o próprio objeto, causa de desejo e de gozo (CASTILHO, 2007, p. 332).

O objeto não é um objeto fenomenológico, é impossível de ser pensado e não há nada que o represente, nem mesmo imagens ou palavras. É sentido no real do corpo e impossível de

simbolizar. Sua manifestação enquanto angústia se dá por meio da relação fantasmática ou por uma personificação ausente da fantasia, um encontro com o real (VASCONCELOS; PENA, 2019). O objeto a, com sua função constitutiva do desejo traz a questão sobre a angústia na qual o sujeito alienado pelo significante é encoberto no encontro com o vazio. Há assim, a invasão da angústia delimitando o momento em que o desejo se encontra com o objeto que o causa, num retorno anterior à cadeia significante (VIOLA; VORCARO, 2011).

Lacan caracteriza a angústia como sinal e delimita a diferença entre a angústia de castração e angústia do desamparo. Na angústia de castração, apesar de um sentimento de mal-estar, o sujeito ainda conta com a proteção da fantasia que impede uma maior proximidade com o objeto a. Já na angústia do desamparo, a proteção da fantasia se torna menos eficiente e o sujeito se aproxima muito do objeto a. O sujeito se paralisa ao ser atravessado pelo real, há uma estranheza presente nesse momento (VASCONCELOS; PENA, 2019).

Há casos em que a angústia se apresenta como uma situação traumática, são momentos raros em que o sujeito é confrontado com o real na ausência de significação. Isso acontece pois nesses momentos não houve para o sujeito a presença de angústia como sinal de aviso do perigo. Dessa forma, evidencia-se que a castração inerente a linguagem ligada ao desamparo original, revela o real da angústia. “Quando a angústia invade o sujeito como o puro desejo do Outro, ela o sub joga na posição de objeto do gozo desse Outro, o que está para além da proteção da fantasia” (VASCONCELOS; PENA, 2019, p. 30). Durante sua análise, o analisante poderá confrontar-se com a castração por meio da elaboração ou não da fantasia. E, este é um processo que envolve a angústia (VASCONCELOS; PENA, 2019).

## **5. CONCLUSÃO**

A partir dos textos aqui abordados, é possível esboçar um processo de evolução conceitual da angústia no campo da psicanálise, desde Freud até Lacan. Sempre sentida pela Eu como desprazer, a angústia foi primeiro conceituada por Freud como uma tensão sexual física que ficaria em excesso ao não ser descarregada. Depois, ela se situaria como um afeto posterior ao recalque, se transformando em um afeto “moeda de troca” por qualquer afeto desvinculado de sua ideação, pois essa ideação antes fora recalcada por representar desprazer para a

consciência. Após reformulações teóricas, a angústia é, por fim, conceituada por Freud como um afeto que falta objeto e como sinal do perigo dessa falta, aparecendo mais tarde como angústia da castração e como relacionada a perda do amor do Super-eu.

Já em Lacan, a angústia é o afeto que não engana. Não pode ser capturado no significante e pertence ao real. A principal inovação proposta é de que a angústia não é sem objeto, ou seja, é consequência da relação do sujeito com o objeto a, que é o objeto causa do desejo. A angústia é sinal dessa relação e surgiria para o sujeito junto com o objeto a. Nisso, a angústia de castração passa a não ser mais o ponto intransponível de uma análise, mas sim um não saber sobre a falta no Outro, assim a angústia é a falta da falta.

Dessa forma, foi possível analisar, de forma geral, como a angústia é conceituada pelos autores, não apenas de forma isolada, mas também em relação a outros conceitos centrais, demonstrando como a angústia é também um conceito avultoso. Quanto às suas manifestações fenomenológicas, podem ser destacadas manifestações fisiológicas, além da experiência subjetiva de intenso sofrimento experimentada pelos indivíduos.

Nota-se como ela se situa de forma temporal e com o avançar das teorizações em Freud, à medida que desenvolve reflexões sobre suas experiências clínicas e, do mesmo modo, em Lacan ao promover sua releitura da obra freudiana, recorrendo a outras referências para tal fim, sendo justamente com Lacan, o apogeu da angústia como estatuto de conceito de grande relevância, em que a partir dela, outros conceitos como o de objeto a, seriam elucubrados.

Por sua difícil conceituação e importância para a prática psicanalítica, como assinalou Lacan, faz necessário empreender esforço visando como objetivo a compreensão da angústia. Acredita-se que, nesta pesquisa, dentro de suas limitações, houve contribuição para com esse objetivo, além de se atingir outros objetivos aqui propostos, podendo-se, a partir dela, ter noção de como a angústia se manifesta e se situa no escopo geral de cada teoria, ainda que sem cessar todo o debate acerca da temática. Portanto, destaque-se a necessidade do desenvolvimento de mais estudos, principalmente no que tange a manifestações e consequências da angústia em contextos específicos da vida contemporânea.

**ABSTRACT: Introduction:** The theme of anguish implies a permanent reflection for clinical practice, being a phenomenon and a fundamental concept for psychoanalysis, being highlighted in the works of Freud and Lacan. Anguish is also characterized as an impasse both in its

theorization and in its technical handling in the clinic. **Objectives:** This study aims to analyze the concept of anguish in the psychoanalytic theories of Freud and Lacan, in order to understand how it is situated in the authors' works. **Methodology:** The bibliographic qualitative research method includes bibliographical survey and data analysis using books and articles about psychoanalysis. **Discussion:** Anxiety underwent conceptual changes based on new Freudian theorizations, finally becoming signal anxiety, marked by the lack of an object and castration anxiety. For Lacan, it is affection that arises as a consequence of the subject's relationship with object a. **Conclusion:** Conceptualized by Freud as a physical sexual tension that would be in excess. Then, an affection that lacks an object, being a sign of the danger of this lack, appearing later as castration anxiety. For Lacan, anguish is the affection that does not deceive, it belongs to the real. It is not without object, being a consequence of the subject's relationship with object a, in addition to representing the lack of the lack in the Other.

**Keywords:** Psychoanalysis. Anguish. Freud. Lacan.

## REFERÊNCIAS

- BARATTO, G. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 29, n. 1. 2009.
- BARROSO, A. F. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbaroi**. Santa Cruz do Sul. n. 36, p. 149-159. 2012.
- CALAZANS, R.; SANTOS, J. L. G. A pré-história da noção de causa em Freud. **Paidéia**. v. 17, n. 36. 2007.
- CAROPRESO, F.; AGUIAR, M. B. O conceito de angústia na teoria freudiana inicial. **Natureza humana**. São Paulo. v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015.
- CASTILHO, P. T. Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**. v. 19, n. 2. 2007.
- CELES, L. A. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. **Psyche (São Paulo)**. São Paulo. V. 23, n.16, p. 25-48. 2005.
- DUTRA, F. G. Uma nota sobre o sujeito. In: DUTRA, F. G.; ARAÚJO, K. C.; MEZZA, M. (Org.) **Lacan. A revolução negada**. Curitiba: CVR. 2021.
- FAÇANHA, L. S.; SOUSA, L. S. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard. **Conjectura: filosofia e educação**. Caxias do Sul. v. 23, n. 2, p. 307-324. 2018.

- FERREIRA, A. M. C. Culpa e angústia em Heidegger. **Cogito**. Salvador. v. 4. p. 75-79. 2002.
- FERREIRA-LEMONS, P. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. **Psicologia social e personalidade**. Rio de Janeiro. pp. 89-108. 2011.
- FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. v. 5, n. 1.2002.
- FREUD, S. **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.
- HOSTE, V. X. A constituição da angústia em Sartre: do patológico ao ontológico. **Sofia**. Espírito Santo, Brasil. v. 5, n. 2. 2017.
- LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- LEITE, S. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.
- MURTA, C. A angústia tratada como afeto. **Revista Filos**. Curitiba. v. 23, n. 33, p. 359-375. 2011.
- NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.
- PAIÃO, A. V.; COELHO, A. C. P.; AMARO, T. A. C. A origem e os desdobramentos da angústia na perspectiva psicanalítica freudiana. **ACIS**. v. 9, n. 1, p.70-80. 2021.
- PISETTA, M. A. A. M. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 404-417. 2008.
- POLLO, V.; CHIABI, S. A angústia: conceito e fenômenos. **Revista de Psicologia**. Fortaleza. v. 4, n. 1, p. 137-154. 2013.
- TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza. v. 11, n. 2, p. 525-554. 2011.
- VASCONCELOS, A. A. P; PENA, B. F. **Reverso**. Belo Horizonte. v. 41, n. 78, p. 27-33. 2019.
- VIOLA, D.; VORCARO, A. A verdade e o engodo do desejo na leitura do seminário “A Angústia” de Jacques Lacan. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro. v. 14, n. 1. 2011.